

## Prefácio

*Aos que tecem a memória  
Aos que a escutam e a embalam*

A emblemática Biblioteca Municipal de Santarém acena, consciente da urgência da recolha da memória coletiva, para as onze Instituições que promovem uma anciania para a excelência, das anciãs e dos anciãos repletos de sabedoria, os quais representam uma comunidade de heranças vivas do património cultural imaterial do concelho de Santarém.

O meu entusiasmo pelas matérias da memória e da tradição levaram-me a aceitar o convite para fazer o prefácio deste livro *Melodias na Manta: Contributos de Sabedoria Popular*, que partiu de um projeto imaginado pelos técnicos da Biblioteca e que recebeu o nome de *Mala de Estórias*.

Este projeto tecido a muitas mãos, tanto por coletores como por narradores, revelou-se uma obra singular de malha intrincada conjugando o *saber contar* a partir de uma estória, o *saber cantar* a partir de canções tradicionais e o *saber tecer* a partir de retalhos entretecidos numa manta.

A escolha da palavra estória desses *tempos que já lá vão* torna a narração viva e presente e faz nascer outra vez esses tempos. De que estórias somos forrados? Quantos retalhos dessa manta nos habitam? E a palavra estória ganha outra amplitude: És-tória!

Atentemos no título improvável e na preferência da palavra *melodias* que tanto nos remete para as canções cantadas com os anciãos, como para a narração das referidas estórias. Uma narração que também é canto na forma como se respeita o silêncio, se valoriza a palavra, se lhe imprime ritmo, modela o volume e o tom da voz e enriquece com inúmeras sonoridades.

Gosto de pensar que a memória existe sempre que contamos estórias uns aos outros. Este campo é-me muito caro e o desvelo da recolha que envolveu centenas de pessoas, sensibilizou-me e tocou-me profundamente. Nas sábias palavras da investigadora Isabel Cardigos “o desvelo é fruto de uma aliança feliz, aquilo que as boas mães têm para com os filhos, e os bons professores têm para com os alunos: alia coração a paciência e rigor.” (2011:11). Também presentes neste livro, entre os coletores e os narradores anciãos.

Ocorre-me imaginar as centenas de anciãs e anciãos que participaram neste projeto e partilharam as estórias da deriva humana: os homens de mãos experientes arrastadas pelos trabalhos do quotidiano e as mulheres de olhos cansados pelas lides caseiras ou por trabalhos mais sabidos. Ambos, com alma, de menina e de menino, sorridente, temperada de ternura e humor; um coração aberto ao outro em horizontes justos e fraternos.

Já familiarizada com o contexto parto em busca das pérolas das oralidades literárias e logo na primeira folha detenho-me e comovo-me profundamente com uma quadra do cancionero cantado pela Quina, assim gosta de ser chamada a minha mãe:

*Se eu fosse galo cantava  
Lá de cima da guarita,  
Namorava-as todas três  
Casava com a mais bonita.*

Esta é uma das muitas quadras que faziam parte das *saías*, aqui cantigas de namoro, cantadas no Alto Alentejo e Ribatejo. O meu pai cantava esta primeira quadra e a minha mãe respondia, cantando:

*José boca de cravo  
Cintura de capitão,  
Cadeado do meu peito  
Chave do meu coração.*

*Quem conta um conto, acrescenta um ponto* e a minha mãe ainda a canta, agora sozinha, acrescentando-lhe o seu nome no último verso: “Casava com a Quina que é a mais bonita.” Falas e cantos de quem se amou uma vida inteira e que nós família somos testemunhas.

Cada um produziu um acorde, alguns traduziram em palavras, outros em olhares profundos e afetos, e ainda outros em silêncios maiores. A manta revela-se harmoniosa porque de certa forma todos os envolvidos contribuíram com a sua pequena parte. Uns mais que outros tem consciência que são “postos de enriquecimento dos dons da vida” como nos ensina o filósofo Sri Ram (1966). Os dons passam na nossa existência, nós os potenciamos e em seguida os entregamos para o fluxo da vida.

A simplicidade desta matéria-prima é simplesmente aparente. O seu conteúdo poético e simbólico deslumbra-nos e faz-nos sonhar acordados. Para este saber profundo que é como um canto de embalo, remete este saber dizer, recitar, cantar ou narrar esta memória exemplar. Cada anciã e ancião do tamanho da sua generosidade partilham uma memória poética cantada em rima ancestral e cristalina, ora numa voz tradicional, ora numa voz autoral.

Admiramos a singeleza com que os narradores anciãos naturalizam os valores universais da vida humana – o amor, a paz, a oração, a amizade, a liberdade, o trabalho, a criatividade, o humor... plasmados nas centenas de textos, tradicionais e autorais, recolhidos para este livro: quadras e cantigas do cancionero; contos, lendas, casos, histórias de vida e orações da novelística, provérbios e expressões idiomáticas da paremiologia; rezas, mezinhas e receitas de saberes etnográficos; adivinhas, lengalengas, trava-línguas e perlengas da *Varia*; e todos os textos autorais de raiz popular.

Os princípios das onze Instituições de Terceira Idade cruzam-se com os valores narrados pelos anciãos. No lusco-fusco desta linguagem oral, deste século XXI que põe a vida toda a nu, os anciãos de terras ribatejanas expõem-nos a composição desta memória oralizante nas subtilezas textuais do espanto e do encanto, de quem tem o mundo bem perto e de quem o foi buscar bem longe.

Mais poesia do que contos. As formas poéticas permanecem mais tempo na memória e são mais fáceis de transmissão oral. A investigadora Ana Paula Guimarães esclarece segundo as palavras de Jan Vansina: “as formas fixas da expressão poética e as formas soltas da narrativa em prosa (...) preenchem o esqueleto da trama narrativa com os vocábulos e frases que lhe surgem como os mais cativantes para o seu público” (2000:131).

Seguindo o espírito da recolha, como se uma demanda se tratasse, as palavras são bordadas em cada retalho da manta, senão vejamos este belo coro de vozes e de falas de anciãs e anciãos de forma aleatória:

Na Casa de Saúde e Repouso de Santarém apreciamos a simplicidade da narradora Jozefa com que aborda um dos grandes mistérios da vida: a morte. Um texto muito popular que cresceu com a recitadora em que num *faz de conta* jovial ela tenta enganar a morte.

À morte ninguém escapa!  
Nem o Rei, nem o Bispo, nem o Papa!  
Mas eu? Hei-de escapar!  
Compro uma panela, que custa 1 vintém  
Meto-me dentro dela,  
E tapo-me muito bem!  
Vem a morte, bate à porta:  
-Uhmmm.....aqui não há ninguém!  
Boa noite meus senhores,  
E passem todos muito bem.

No Centro de Solidariedade Social Nossa Senhora da Luz da Póvoa de Santarém, a narradora Maria Piedade Cruz diz uma versão das muitas quadras de talegos, sacos, bolsas e outros foles consoante a região do país:

Tenho um saco de cantigas  
E ainda uma talegada,  
Para hoje cantar tudo  
E amanhã não cantar nada.

E também a autora Maria Angelina Mineiro homenageia o seu lugar de estar em tom de oração:

(...) Viva lá o nosso centro  
Também tem uma cruz  
Tem uma santinha  
Que se chama Nossa Senhora da Luz.

As anciãs falam de alegria e da oração que lhe fazem companhia na sua solidão. Esta favorece o estarem acompanhadas de si mesmas e não votadas ao isolamento que é ausência de si mesmo.

O ancião José Mendes da mesma instituição dá o seu testemunho na sua História de vida. Só quem passou por estas faturas poderá dar o devido valor:

(...) A minha mãe fazia queijo fresco e um queijo dava para três pessoas! Não se podia comer à vontade. Uma petinga era para três! As azeitonas também eram contadas, calhava quatro a cada um e depois chupávamos os caroços para termos as papas mais tempo na boca. (...)

No Centro Social da Freguesia de Moçarria, pelos muitos textos autorais partilhados, até apetece dizer: “ Quando eles/elas puxam pelo repertório...”. Encontramos aqui o narrador Manuel

Clarim recitando uma poesia narrativa que é dita de lés a lés no nosso país, com imensa graça e que podemos continuar a ler mais à frente na obra.

Habitavam dois velhinhos  
Em certa aldeia do Norte,  
Com noventa anos de idade  
Lembravam-se da mocidade  
Esperavam em breve a morte. (...)

O narrador Alfredo Guedes recita, entre muitos poemas da sua autoria, esta quadra e as que podemos encontrar no corpo do texto que falam de como a relação dos avós e netos é vigorosa e humorística:

Ó Cachopos endiabrados  
Vocês acabam-me com o fim,  
Tinha aqui uns rebuçados  
Guardados que eram pra mim. (...)

Num apelo à lisura de relações, o narrador Virgílio Antunes mostra a sua confiança no lugar que o acolhe, dando esperança aos outros, na recitação desta quadra da sua autoria:

Sem intrigas, sem vaidades,  
Nossas vidas vão andando,  
Nosso centro ajudará  
Quem por ele for passando.

Na Unidade D. António Francisco Marques em Santarém, a narradora Catarina Barata recita belamente esta quadra do cancioneiro, uma das muitas versões que podemos encontrar com linhas e novelos - declarando o amor:

Subi ao Céu por uma linha  
Desci por um diamante  
Quem vai ao Céu para te ver  
Já te tem Amor bastante.

Ou ainda, como uma Penélope hábil em tecer os fios de lã, de algodão ou de linho dizendo esta expressão idiomática:

Agulhas e dedais e ... outras coisas mais ...

Na Unidade do Gualdim, da Azóia de Baixo, a narradora Maria Rosário Ferreira expressa a sua imensa gratidão, a seus pais, nesta quadra tradicional:

Oh minha mãe da minha alma  
Oh meu pai do meu coração,  
Por muitos anos que eu viva  
Não lhes pago a criação.

A narradora Ilda Bento solta-se em adivinhas mostrando a evidência neste exemplar:

Um aquário tem 10 peixes, 5 morrem afogados. Quantos ficam?  
**Solução:** *Ficam todos porque os peixes não morrem afogados.*

Na Unidade João Arruda em Santa Iria da Ribeira de Santarém o narrador Carlos Carvalho com a recitação da adivinha provoca o riso e a obrigar-nos a soltar um Oh!, pela coragem de dizer palavras mais rudes e que compõem a linguagem oral:

O negro negrate, em cima de um carrapitato e vem o vermelhate que no cú lhe bate. O que é?  
**Solução:** *Uma panela mascarrada em cima de uma trempe ao lume.*

A anedota que podia ter nascido de um caso ou parte, muitas vezes efémera e que corre ao sabor das modas, nasce outra vez na fala do narrador João Rodrigues:

O outro, mais ajuizado, vem em seu auxílio e pergunta-lhe porque não soltou o foguete. O tolo responde: *Ora essa, a festa é cá em baixo, não é lá em cima!*

No Centro Social Serra do Alecrim IPSS de Alcanede, a narradora Maria Emília Mãe diz uma quadra, provavelmente cantada, que faz parte de uma facécia, inserida no subgrupo das histórias sobre maridos enganados, alvo de uma risota marota:

Passarinho trigueiro  
Salta cá para fora  
Tenho o cu queimado,  
Não posso lá ir agora.

A narradora Maria Ermelinda Pereira recita a reza:

Deus te alevede, Deus te acrescente, para bem da nossa gente.

Um gesto associado à confeção do pão, enquanto se dizia a reza ia-se fazendo o gesto da cruz com as mãos, para o pão crescer e melhor alimentar a família.

No Lar e Repouso do Ribatejo Santarém a narradora Sabina Menino diz uma quadra sobre um grande mistério que é o milagre da vida mas logo a seguir fala da sua fatalidade e descrença. É uma quadra de afundamento, diz o povo. Porque inquieta-nos, aprofunda-nos e ao mesmo tempo obriga-nos a elevar:

Quando eu nasci chorava  
Chorava por ter nascido  
Parece que eu adivinhava  
Que o mundo andava perdido.

A narradora Maria José Jacinto ao recitar esta quadra dá-nos conta de um dado etnográfico muito interessante sobre o trabalho do campo que levava as pessoas a dormirem longe de casa. Uma quadra que dá conta dos tempos remotos e duros, em que a esteira era o chão, um tronco de uma árvore sob um teto celeste ou à falta de melhor, até uma arcada servia:

Era já noite cerrada,  
Diz o filho: Oh, minha mãe,  
Debaixo daquela arcada  
Passava-se a noite bem!

Na Quinta de Valmonte - Residência Sénior da Portela das Padeiras o narrador Armindo da Conceição recita uma quadra de profundo fatalismo que apela à sua tristeza resignada:

Vai tão longe a mocidade  
Vejo tão perto o meu fim,  
Às vezes dá-me vontade  
De deitar luto por mim.

Esta adivinha aparece aqui pronunciada pela narradora Manuela Gonçalves mas ela é recitada por mais anciãos de diferentes instituições. É certamente uma das primeiras adivinhas que aprendemos mas todos a sabemos de cor? O saber de cor é ter no coração. Até podemos tentar e aprendê-la de cor e assim aumentar o nosso repertório.

Verde foi o meu nascimento e de luto me vesti, para dar a luz ao mundo, mil tormentos padeci.  
Quem sou eu? Solução: *A azeitona.*

O narrador José Domingos Abreu ao contar este incidente dá-nos conta de um saber etnográfico muito curioso, até agora desconhecido para mim.

As quatro refeições que havia, no antigamente eram o mata-bicho (pequeno-almoço), almoço, jantar (lanche), e ceia. Naquela altura os jovens quando saíam do trabalho passavam por casa da namorada para a ver, se por qualquer razão o moço não lá passasse, a moça ficava triste e não ceava.

Na Santa Casa da Misericórdia de Santarém da E.R.P.I. a narradora Henriqueta Fonseca recita:

Ó meu amor se tu queres  
Toda a vida viver bem  
Hás de ouvir e calar  
Não dizer nada a ninguém.

Mais um canto poético que não está só nos versos da quadra mas também no saber viver as coisas da vida.

No Lar de Grandes Dependentes da Santa Casa da Misericórdia de Santarém a narradora Isabel Ribeiro explica o ritual dividido em duas partes para sair de casa:

**1º parte**

Abre portas, espalha-te mal com o vento.  
Valha-me Nossa Senhora e o Santíssimo Sacramento.

**2º parte**

Desta casa vou sair, para a minha vida governar,  
Tantos anjos me acompanhem, como passos eu vou dar.  
Deus comigo e eu com Deus, Deus à frente e eu atrás,  
Virgem Santa me guarde das astúcias de Satanás.

É como uma oração que aparece em alguns contos religiosos. Os contos, provavelmente já não sabem contar, mas muitas orações continuaram na memória. Vi muitas vezes a Ti Tóda, a minha contadora de estórias particular, rezar esta oração e ensinar-me. A oração não sei, mas o momento vivido permanece em mim. De tal maneira que não saio de casa sem orar junto do meu oratório.

Nos Cuidados Continuados da Santa Casa da Misericórdia de Santarém a narradora Olímpia António conta uma curiosidade relevante:

O brasão da casa Seabra em Valada surge no tempo dos Reis. Por altura das Batalhas, as tropas tinham de arranjar esconderijos para se defenderem, escondendo-se dos inimigos. Um desses esconderijos foi nos campos do Reguengo e da Valada. No Reguengo, para agradecerem, doaram umas terras às pessoas que vinham do Sule e em Valada, como também a Casa Seabra era um esconderijo de eleição, deram-lhe um brasão.

Certamente que este facto histórico está registado, mas como foi recontado pela belíssima memória desta anciã, apetece-nos ouvir ou ler mais raridades da nossa história.

Nas Residências Assistidas - Valle dos Reis em Santarém foram recolhidas quatro biografias de anciãs que nos tocam pela beleza das suas vidas. Fiquei-me apenas por alguns excertos, que me asseguram que cada pessoa é diferente e que cada indivíduo tem a sua identidade.

A anciã Rosa Ausenda Veríssimo narra este dado etnográfico que nos leva a pensar como era dura a vida naquele tempo e da forma como as pessoas se relacionavam entre si e com o mundo.

(...) Refira-se que nos dias de hoje é notícia nascer numa ambulância a caminho de uma maternidade. Naquela época, os filhos e filhas dos Avieiros nasciam dentro dos barcos, em que os pais trabalhavam e viviam. (...)

A anciã Maria Eduarda de Sousa Mendes narrou alguns aspetos da sua vida e prendeu-me a forma como entre tantas tarefas, ainda tinha tempo de aprender a ser solidária querendo oferecer “algo

de seu ao mundo”. Demoro-me por aqui mais um pouco e reflito como estes testemunhos nos ajudam na formação do Ser.

A infância e juventude da Eduarda foram vividas em Ponta Delgada entre as aulas no Colégio São Francisco Xavier e as lições de piano, ginástica rítmica, francês e natação, pelo meio ainda tinha tempo para ajudar na Juventude Católica (JIC) oferecendo algo de seu ao Mundo.

A anciã Gertrudes Pereira Cardona entre tanto da sua vida declara que:

(...) a família é algo de bom, positivo e considera o amor de irmãos o melhor sentimento do mundo.

Estas biografias são também um importante meio de educação para os valores humanos, proporcionam um contexto ético para debate e para uma memória contínua da comunidade.

A anciã Maria da Assunção Manhoso manifesta vários desejos na conversa com a sua coletora: uma escolha exigente na literatura: o nosso nobel. O ser feliz e honesta é um horizonte perfeitamente possível e elucida, pelo menos quanto ao ser feliz, que basta os seus familiares serem amigos uns dos outros.

Lema de vida – “Ser feliz e honesta em todos os pontos”.

Escritor preferido – José Saramago.

Família – A melhor coisa que tem, pois para esta senhora é importante que os seus familiares se deem bem uns com os outros, para assim poder ter uma família feliz.

E fico-me por estas falas de amor da Joaquina e do Alfredo da narradora Júlia Rodrigues:

A partir desse baile começaram a conhecer-se melhor, tendo o rapaz Alfredo ter escrito uma carta sem ter obtido resposta.

(...) e mesmo sem saber dançaria aos bailes para encontrar a sua amada, até aceitar dançar com a Joaquina e lhe perguntar se a sua carta tinha resposta, ao que a menina Joaquina lhe respondeu que sim, (...) Hoje Joaquina recorda este tempo com muita ternura e saudade.

A recolha começa com uma quadra de namoro e quase tem o seu final, numa estória de namoro. O amor é transversal em toda a obra. Começa com uma mulher que recita e finaliza com uma mulher que conta. São mais mulheres do que homens. Brota aqui uma frescura de quem rememora, reconta a palavra, repetida e reclamada, a fazer-nos companhia, neste viver poético, emocionalmente ressoado por caminhos da alma em peregrinação.

Esta obra *Melodias na Manta* oferece o esplendor de uma cultura com raiz pelo grande número de narradores ancorados nesta nova terra – o livro, em que a autenticidade tradicional nuns e autoral noutros declara a verdadeira vida dos homens: o seu património interior. Estes anciãos vibraram ao dizer a sua palavra, vivida e construída, no mais fundo do seu Ser, e partilhando-a tornando-a nossa é a maior honra que podemos prestar aos textos recebidos e amados.



Esta manta de retalhos pertence a uma infinidade de mantas maiores que perfazem o nosso tecido-memória português. Agradeço este convívio caloroso da linguagem oral tecida pelo tradicional e pelo autoral, nas mais iluminadas melodias de cada ancião.

E remato assim: entrelaço o fio que me liga aos outros fios, um retalho de muitos retalhos e pelos versos da Luísa Barreto (2000) invento um canto para a preciosa *Melodias na Manta*,

*Nós temos também de ir  
Dentro de nós descobrir  
O que é que nos faz viver.*

*O que é que nos dá calor  
E se transforma em amor  
E é essa nossa razão de Ser.*

*Joaninha Duarte  
2016-10-10*

## Bibliografia

Barreto, L. (2000). *Em Tempos que já lá vão*. Lisboa: Centro Lusitano de Unificação Cultural.

Duarte, J. (2009). *A Luz da Cal ao Canto do Lume, Tradição Oral do Concelho de Mora*. Lisboa: Edições Colibri.

Duarte, J. Coautora. (2011). *Era, não Era?* Lisboa: Boca.

Guimarães, A. P. (1992). *Nós de Vozes, Acerca da Tradição Popular Portuguesa*. Lisboa: Edições Colibri.

Lopes, A. F. (2011). *Contos Populares da Adiça*. Lisboa: Edições Colibri.

Ram, S. (1968). *O interesse humano e outros discursos e ensaios curtos*. Wheaton: TPH.

Vasconcelos, J. L. (1986). *Tradições Populares de Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda.